

facebook.com/manuscritoeditora

© 2018

Direitos reservados para Letras & Diálogos,
uma empresa Editorial Presença,
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Título original: *Desenvolva as Inteligências do Seu Filho*

Autor: Renato Paiva

Copyright © Renato Paiva, 2018

Copyright © Letras & Diálogos, 2018

Revisão: Anabela Macedo/Editorial Presença

Capa: Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença

Fotografia do autor: Susana Santinho

Ilustrações: Shutterstock e Freepik

Paginação: Ana Seromenho

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-8871-38-1

Depósito legal n.º 436514/18

1.ª edição, Lisboa, Março, 2018

O autor escreve de acordo com a antiga ortografia.

ÍNDICE

Prefácio	11
Introdução	17
1 Jogar e brincar	25
2 Inteligência	31
3 Inteligências múltiplas	39
4 Como posso saber quais são as inteligências do meu filho?	43
4.1 A inteligência linguística	46
Actividades	48
4.2 A inteligência lógico-matemática	65
Actividades	67
4.3 A inteligência visuoespacial	84
Actividades	86
4.4 A inteligência corporal cinestésica	93
Actividades	95
4.5 A inteligência musical	109
Actividades	113
4.6 A inteligência intrapessoal	121
Actividades	127
4.7 A inteligência interpessoal	150
Actividades	153
4.8 A inteligência naturalista	163
Actividades	165

5	Atenção, concentração e memória.....	171
	Actividades	180
6	Os sentidos e a aprendizagem	191
	6.1 Criatividade.....	199
	Actividades	204
	6.2 Felicidade.....	216
	Actividades	225
7	Desenvolver talento	235
8	Erro e encorajamento	243
9	Motivação: limitadora ou encorajadora	249
10	Menos esforço mais resultado.....	257
	Posfácio	265
	Soluções	267
	Bibliografia	269
	Agradecimentos	271

PREFÁCIO

OS DESMANCHA-PAZES

EDUARDO SÁ

1.

Tenho muitos dias em que me pergunto para que serve a escola aos olhos das crianças. É claro que, a par de a compreenderem preciosa e estimável, sinto, com tristeza, que nem sempre a escola as ensina a viver, como todos gostaríamos muito que ela o fizesse. E talvez não ajude tanto a aprender a aprender, como desejaríamos. É verdade, também, que não ousou reivindicar uma «fórmula» com a qual a escola se revolucione, de forma serena, e ligue aquilo que as crianças vêem, sentem, imaginam, intuem e escutam. Mas eu gostava muito que a escola fosse assim! Do que gostava, efectivamente, era que as crianças encontrassem ali «as lendas» com que a vida «que apanham» ganhasse em clareza e em simplicidade. E que, desse modo, ela se tornasse mais compreensível, mais fácil e mais bonita. Até porque, para muitas crianças, a escola parece ser, unicamente, uma espécie de moratória pela qual se tem de passar para se ser crescido (o que não é bem a mesma coisa que «para se crescer»), onde nem sempre o que se aprende parece útil e amigável diante de tudo o que já se sabia. Porque a escola não escuta; talvez compartimente de mais a aprendizagem. E, sendo assim, vá transformando os conhecimentos em vizinhos que mal se cumprimentam.

Se a escola se adequasse à vida, tal como as crianças a vivem todos os dias, ela colocaria mais problemas. Se a escola obrigasse a que se conversasse quando se pensa, enquanto resolvem problemas, talvez ensinasse a admirar e a descobrir, em vez de fazer com que as crianças, pouco depois de nela entrarem, deixassem adormecer todos os seus «porquês». Mas a escola parece ser um bocadinho egocêntrica; parece gostar de se fazer

difícil. Na realidade, se ela pusesse problemas difíceis sobre aquilo que se afigura (igualmente) difícil na vida diária de todas as crianças, enquanto as desafia para o desconhecido (de forma simples), com certeza que faria com que passassem a querer fugir para a escola.

2.

Ao contrário daquilo que é o desejo dos pais (e, na verdade, ao contrário de todos os seus mais empenhados esforços), a vida das crianças é difícil. A vida de todas as crianças é, realmente, muito difícil! E isso não é trágico nem é mau. Eu sei que ainda reagimos muito «à pele» quando isso se diz, como se a fome e a pobreza já não parecessem ser factores que impeçam uma vida fácil para todas as crianças. Mas não é verdade. Entre aquilo que intuem e tudo o que compreendem — à sua volta, na relação com os pais e diante dos problemas que a vida lhes põe e elas lhe colocam —, há uma imensa penumbra que faz com que as crianças sintam, realmente, que a vida delas não é de «algodão-doce». É por isso mesmo que elas se sentem muito pequeninas. Como é que podemos ajudar as crianças a tornarem a vida mais simples e mais simpática? Ensinando-as a pensar, a conviver, a falar e a resolver problemas.

Porque é que as crianças, apesar das suas dores, aprendem mais facilmente aquilo que tenha, aos seus olhos, uma dimensão de utilidade? Porque desse modo a sua vida fica realmente mais simples. E só assim se torna fácil, isto é, do simples chega-se ao fácil. Todavia, não é por se tornar a vida fácil que se conquista o simples. Por outras palavras, ao contrário daquilo que os pais imaginam, não é por se tornar a vida dos filhos mais fácil que se chega mais depressa ao mais simples e nem por se mandar mais do que se deve... Aliás, as crianças vão tendo a ilusão de «mandarem no mundo» por mais que não o percebam e interfiram de menos com ele todos os dias. O que ganham elas com isso? Nada. Melhor dizendo, dando-lhes o fácil e deixando-as mandar para além do razoável, os pais acabam por complicar tudo mais um bocadinho, porque não permitem que as crianças aprendam a ser humildes: aprendendo a perder, aprendendo a suportar algumas dores e a reagir a elas, aprendendo a não desistir à primeira contrariedade, aprendendo a esperar, aprendendo a tecer os sonhos pelos quais se aprende a lutar e aprendendo a trabalhar. Nada dá mais trabalho do que o simples! Nada exige mais do que aceder ao complexo, tornando-o simples ao mesmo tempo.

3.

Como se já não bastasse a forma como os pais confundem o simples e o fácil, as crianças vivem numa escola que demasiadas vezes se faz... difícil. Como acontece com as pessoas, quando alguém se faz difícil esconde a imensa dificuldade em tornar a vida mais simples. Sofre por não conseguir sintetizar, abstrair e desconstruir. Os que se fazem difíceis — quer pessoas, quer escola — têm necessidades educativas especiais! Mas, sendo assim, que escola é esta que simultaneamente facilita (muitas vezes) nas notas, por exemplo, mas não ensina para o simples?

Que mundo é este, à volta das crianças, tão empenhado em lhes tornar a vida mais fácil quando as devia ensinar para o mais simples? Mais simples é sinónimo de mais verdadeiro! E é aí que tudo se complica. Não será, muitas vezes, o mundo que criamos para as crianças batoteiro ou mentiroso? Não será o que se passa com muitos resultados escolares e com muitos incidentes em redor dos *rankings* das escolas, por exemplo, vezes de mais, amigo da fraude e da corrupção? Por que motivo um mundo amigo do conhecimento deixou de se atrever a conhecer-se a si próprio?

Parece-me que o mundo de «felicidade sintética» em que todos vivemos não ajuda as crianças. É verdade que, comparada com a dos avós, a vida dos pais parece ser, claramente, melhor. Por mais que as crianças escutem que, no futuro, talvez isto não lhes aconteça, sobretudo quando vierem a comparar a sua vida com a dos seus pais. E isso é estranho! Enquanto, supostamente, lhes facilitam a vida, os pais ajudam as crianças a terem medo do futuro! Ora, num tempo amigo do conhecimento, o melhor do mundo terá de ser — sempre! — o futuro. Fundamentalmente, se, por maioria de razão, à medida que o conhecimento se torna um instrumento de conhecimento e se as crianças encontrarem nele o aliado, o futuro torna-se mais próximo, mais útil e mais simples.

4.

Mas pode o mundo ser mais simples se quem é, aparentemente, tão amigo do conhecimento parece ser tão pouco ensinado a conviver com a dúvida, com o erro ou com a incerteza? Pode o mundo ser mais simples quando as crianças são educadas para se desconhecem a si próprias enquanto os pais parecerem ir-se tornando, muitas vezes, desconhecidos

que se conhecem bem? Pode o mundo ser melhor quando o corpo, as palavras e os gestos parecem assumir, na escola, uma «aragem *vintage*»? Pode o mundo ser mais simples quando, ao mesmo tempo que lhes dizem que vivem numa «sociedade da informação», as crianças reparam que mais informação não é nem mais nem melhor conhecimento? E quando reparam que quanto mais elas vivem numa «sociedade da comunicação», mais comunicação parece transformar-se, vezes de mais, em melhor autismo? Porque é que tudo «tem» de acontecer assim? Porque os pais insistem em ver pelos respectivos olhos em vez de escutarem as dificuldades que aos olhos das crianças o mundo tem!

5.

Porque é que nós, à medida que ficamos mais velhos, parecemos achar que as pessoas bonitas rareiam? Porque beleza é o lugar a que se chega quando verdade e conhecimento se casam. Mas será que enquanto reconhecemos a beleza como uma «espécie em vias de extinção» (nos outros...) nos perguntamos o que fará de nós pessoas bonitas? Mas o que é que isso nos importa se parecemos ter quem goste de nós tal como somos... Ora, as pessoas gostam, muitas vezes, mais de nós pelo que lhes demos no passado do que por tudo o que de admirável imaginam que lhes venhamos a trazer no futuro. É aqui que os pais se «constipam»! O conhecimento faz-se com pessoas, para as pessoas e pela mão de pessoas. E faz-se a olhar para o dia depois de amanhã. E os pais vivem, regra geral, desgostosos e agastados com as pessoas. E «presos» no hoje. Talvez por isso confundam esperança, optimismo e alegria com euforia e vivam num «mundo de acrobatas», no qual as relações nos seus pequenos gestos são — quase todos os dias — desmazeladas em benefício do trabalho.

Será que a vida dos pais está espelhada no seu rosto? Será que têm orgulho de si próprios, nas pessoas em que se terão tornado e nas pessoas que têm consigo? Não passarão tempo demais a elogiar a coerência enquanto silenciam a honestidade? E não evitarão demais verem-se ao espelho? E não acham (muitas vezes) que ficam mal nas fotografias, como se fossem, manifestamente, mais bonitos? E não evitam abrir muitos envelopes, dias a fio, temendo que tragam no interior sempre mais contas ou más notícias? E não evitam pesar-se ou fazer análises bioquímicas ou ir ao médico como se, ao evitarem a verdade, esta parecesse não existir? Não são

os pais que dizem, num desabafo a propósito dum imprevisto ou duma surpresa, que não é todos os dias que se tem uma oportunidade como essa? Não? Não estaremos todos distraidamente à espera que a vida nos traga as oportunidades para as quais devíamos trabalhar? Não serão os pais pessoas (felizmente) mimadas mas que, entretanto, se tornaram preguiçosas para o amor? Não serão eles menos importantes do que são, ficando à espera que o mundo venha ao seu encontro, enquanto lhes falam nas entrelinhas e por meias palavras? Não acharão eles, quando não são felizes, que a culpa é... dos outros?

E a escola não encarará as crianças, à imagem dos pais, como se elas evitassem as oportunidades e fugissem do conhecer? Ou como se tivessem défices de atenção quando são as «pessoas crescidas» que mais evitam a verdade? Não as viverá como se as crianças fossem hiperactivas quando são os pais e os professores que mais são engolidos pelo ritmo frenético que os faz sentir mais ou menos adormecidos?

Não estaremos todos a projectar sobre as crianças os nossos problemas por resolver? E a transformar em problemas delas as dificuldades que evitamos considerar como problemas nossos?

Os pais e os professores são mesmo as melhores pessoas do mundo! Mas são demasiado evitadores! E, por vezes, evitam até não reconhecer que tornar fácil o que é difícil só complica.

6.

Da mesma forma que desmanchar os brinquedos os torna mais compreensíveis, desmanchar problemas torna a vida mais simples. E só assim nela se casam desejo, paixão, esperança, fé e determinação. E prazer! Porque o prazer representa aceitar o que é muito importante para nós, e aceitar, importantíssimo, o outro — diferente ou estranho — dentro de nós, com o qual ficamos mais sábios, mais verdadeiros e mais inteligentes. Sobretudo quando dizemos eu e tu simultaneamente. O prazer é aquilo que fica das experiências de comunhão entre as pessoas. Por isso mesmo, o prazer é, curiosamente, o contrário da xenofobia. Mas, sendo assim, não estará a educação das crianças a ser muito dominada pelos problemas que não resolvemos e muito pouco aberta à diferença, à dúvida e às singularidades? Não estaremos todos a complicar o que é simples e a sermos «desmancha-prazeres»? Por outras palavras, ao prazer chega-se

sempre que se desmancham problemas, com a ajuda de alguém. Quando nos dão, sobretudo, soluções para os nossos problemas, ao invés de nos ensinarem a desmanchá-los, a vida fica mais fácil. E mais complicada. E em vez de termos educadores amáveis e amantes temos desmancha-prazeres.

Devemos ensinar para o prazer! Quem são, então, diante desse objetivo, os bons educadores? Aqueles que não evitam a verdade. Aqueles que não são amigos do fácil mas não desistem do simples. Sendo assim, a escola não poderá ser só o lugar onde se ensina a viver, como desejava Rousseau, mas o lugar onde se ensina o prazer de tornar a vida mais simples. De certa forma, é o prazer de ensinar o amor pelo conhecimento, o amor pelo pensamento, o amor pela descoberta e pela admiração e o amor — ele próprio — com que se torna a vida mais simples, mais compreensível e mais bonita. Ensinar é, bem vistas as coisas, educar para o amor.

7.

Neste contexto, com a ajuda dos pais e dos professores, todos os contributos para que a escola se torne um lugar mais simples e mais amável são preciosos e até revolucionários. Este é o trabalho do Renato Paiva: um instrumento para transformar as qualidades das crianças em recursos, colocando pais e professores a crescer sempre que contribuem para que as crianças desenvolvam as suas qualidades e as apurem. É, sobretudo, um instrumento que transforma o complexo em simples, mostrando, a cada momento, que aprender e brincar são verbos que se conjugam de mãos dadas. Construir uma escola de rosto humano não é uma miragem, mas um lugar ao qual se pode chegar com um trabalho precioso como este, fazendo do conhecimento que se costura e partilha o caminho mais desafiante para o prazer.

1

JOGAR E BRINCAR

«O jogo não pode ser visto apenas como divertimento ou brincadeira para desgastar energia, pois ele favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afectivo e moral.»

PIAGET

UMA NECESSIDADE E UM DIREITO

Para as crianças, brincar é quase tão importante como respirar, comer e dormir. Não é apenas um entretenimento ou uma boa forma de passar o tempo. É mais do que isso: brincar é uma necessidade de crianças e de adultos. O lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colaborando para um saudável e harmonioso crescimento. Nos primeiros anos de vida, e não só, é importante brincar e criar condições para que as crianças brinquem. Muito.

Enquanto brincamos, mudamos de registo, mudamos de frequência. As pessoas, os objectos e os lugares deixam de ser o que normalmente são e passam a ser outra coisa que se imagina, que se fantasia, que se cria. A intensidade do momento, a experiência de estar a viver o presente fazem-nos perder a noção do tempo, deixa-nos em pleno prazer, curiosidade, liberdade e alegria. E isso traz-nos saúde.

«Em muitos países em desenvolvimento, o direito a brincar está ameaçado pela pobreza, pelas guerras e conflitos armados, pelo trabalho infantil, pela exploração e abusos de toda a espécie. Nos países ricos, o sedentarismo, a televisão de má qualidade, os videojogos, o excesso de tempo dedicado ao estudo e a outras actividades educativas e a competitividade excessiva limitam os benefícios desse espaço de ócio, diversão e liberdade que é jogar.»

Retirado de *Jogar para Educar — Propostas para Brincar sem Violência*
Amparo M. Ten e Carmen García Marín

Até aos seis anos, a criança encontra-se numa fase de acelerado desenvolvimento: físico, motor, social, cognitivo, emocional e linguístico. Nesta fase, como sempre, o desenvolvimento e a aprendizagem dançam em conjunto. As relações e interações que se estabelecem nas brincadeiras proporcionam novas aprendizagens, que contribuem para o desenvolvimento.

Quando reparamos numa criança a brincar, conseguimos observar muitas coisas: alegria, entusiasmo, envolvimento, prazer, concentração, foco, autodeterminação e criatividade. Os bebés exploram o seu corpo, desenvolvem-se, por exemplo, na brincadeira de levar os dedos dos pés à boca, tomando consciência das suas formas, das dimensões, das sensações, dos seus limites. A criança cresce, aprende, desenvolve-se através de interações que estabelece com as pessoas que a amam, que cuidam dela, que lhe dão segurança, que estão atentas às suas características e que a desafiam. Uma criança que brinca com os seus bonecos, dando-lhes papa, mudando-lhes as roupas, abraçando-os, pondo-os a dormir, está a desenvolver a compreensão intelectual, do seu dia-a-dia, das suas rotinas, do seu mundo afectivo, assim como a atenção, a memória, a lógica e a imaginação.

Hoje dedicamos grande parte do nosso tempo livre aos nossos filhos. Reconhecemos como isso é importante e sentimos, muitas vezes, culpa por não estar com eles com a disponibilidade e atenção que gostaríamos de lhes dedicar. Queremos o melhor para os nossos filhos e fazemos trinta por uma linha para o conseguir. Às vezes complicamos demais. Necessitamos de desligar o «complicómetro». Perceber que não é muito tempo que é melhor tempo. Melhor tempo é o que é usufruído em dedicação exclusiva. Sem telefonemas, sem *e-mails*, sem pressas para reuniões, sem jantares para fazer...

Agora questione-se: mas isso é quando? Tenho sempre coisas do trabalho, ou de casa, ou da família para fazer! O dia-a-dia é, com certeza, atarefado, mas há sempre um momento que possamos dedicar em exclusividade. Pode ser uma vez por semana, de quinze em quinze dias, a frequência será pautada pela sua realidade. Certamente que sentirá um contentamento ao vivenciar estes momentos e os quererá repetir. Custa começar, mas depois será viciante e muito prazeroso.

Para brincar não precisa de ir ao melhor parque infantil, ao melhor centro de actividades para crianças da cidade ou de ter os jogos mais recentes e modernos em casa. Podemos e devemos brincar sempre que

possível na rua, nas praças, nos pátios com os vizinhos, onde a vida das pessoas acontece, não em lugares artificiais despidos de significado. As crianças devem poder brincar na terra, descalçarem-se e trazerem os sapatos e os bolsos carregados de areia para casa ou as pedras que encontraram no passeio. Sim, isso vai sujar a casa, o tapete poderá ficar uma lástima, mas nesses dias, leve-o de imediato para dentro da banheira!

Recordar-se-á da sua preocupação com a segurança. Do que lhes poderá acontecer num local aparentemente mais desprotegido. Brincar na rua não significa brincar sozinho, deve significar brincar bem acompanhado, com outras crianças, com adultos que também olhem por elas enquanto se divertem. E, sim, vão cair, podem esmurrar-se, esfolar joelhos e cotovelos ou chegar com arranhões e nódoas negras.

Mas saiba que está tudo muito bem assim. Muito melhor assim.

Eduardo Sá refere que «brincar é o aparelho digestivo do pensamento», algo que vem entranhado e já faz parte de nós. Brincamos acompanhados, mas também é importante estar e brincar sozinhos. É sinal de que são independentes, autónomos, crescidos. A nossa sociedade valoriza tudo isto, apreciando e elogiando uma criança que dorme, come e brinca sozinha e que não está sempre agarrada às saias da mãe. Para isso necessita de ter essas oportunidades. De ao longo do tempo ir conquistando a confiança em estar só, com pais descansados. É uma evolução gradual e necessária. Não se pretende assumir que as crianças devem brincar sozinhas, mas, sim, também brincarem sozinhas.

Mas a criança de hoje será uma adulta que trabalhará numa equipa, que necessita de saber comunicar, ouvir, esperar, relacionar-se afetivamente com os outros e resolver conflitos. Para desenvolver essas competências, precisa de aprendê-las hoje, nas brincadeiras com os amigos, com os vizinhos, sentindo e lidando com a frustração de nem sempre correr bem e de nem sempre ser à sua maneira.

Nos convívios entre colegas, trazer amigos para casa pode ser uma verdadeira confusão. Habitualmente, as nossas casas não estão preparadas para montarmos brincadeiras, para armarmos tendas, construirmos castelos ou rinques com balizas feitas com as colunas da aparelhagem. O que agora pode ser um quarto de brinquedos poderá transformar-se num ateliê de pintura ou numa sala de ensaio de uma banda de *rock*. Mas um dia não são dias, e serão esses mesmos que mais tarde irão todos recordar com maior saudade e carinho.

Na sociedade actual ocorreu uma mudança de contexto que é importante conhecermos e estarmos conscientes dela, porque é uma alteração relativamente recente: os nossos filhos já não estão sozinhos em casa ou no quarto. Com um simples (não tão simples, talvez pequeno seja a palavra indicada) telemóvel, já para não falar do *tablet*, consola ou computador, podem estar sozinhos no quarto, mas, na verdade, estão na companhia do mundo, podem comunicar com qualquer pessoa e podem visitar um qualquer lugar. O estar sozinho não implica brincar sozinho. Mas será que jogar no computador, na consola ou no telemóvel é brincar?

Uma outra questão é que devemos ser fiéis a nós próprios. Não devemos fazer fretes. Não precisa de aceitar jogar à bola ou brincar com bonecas quando não gosta de jogar à bola ou odeia a ideia de pôr bonecas a dormir com as unhas pintadas! Nem as crianças são tolas, nem os pais têm de fazer tudo. Até a brincar devem ser quem são, eles próprios, genuínos. Brincar implica liberdade! Liberdade de aceitar ou não o convite e de propor outra brincadeira: uma que todos gostem. Jogar com alguém que está a fazer um frete, e que à primeira oportunidade sai do jogo para atender o telefone ou ir dar um olhinho aos *e-mails*, vai ser ainda mais aborrecido do que brincar sozinho. Tal como refere Eduardo Sá: «As crianças têm o direito de descobrir que os melhores brinquedos são os pais.» Se não lhe apetece brincar, seja honesto. Diga-lhe isso mesmo. Não deve é ser sempre a mesma resposta. Se não gosta de determinada brincadeira, indique alternativas, sugira actividades que goste de fazer ou pessoas com quem a criança possa partilhar a brincadeira que solicitou.

Ao brincar, pode ou não haver vencedores ou perdedores. Ouvimos muitas vezes dizer que alguém tem muito mau perder. Às vezes, até para evitar desconfortos, conflitos e birras, acabamos por deixar a criança ganhar. Se o jogo tem regras, é importante segui-las. Ter capacidade de as cumprir é uma aprendizagem importante. Quem aceita jogar deve conhecer as regras e aceitá-las. Se todos os jogadores estiverem de acordo, as regras podem ser ajustadas ou alteradas em consenso. Mesmo assim, muitas vezes é difícil aceitar perder ou até empatar, importa considerar que a sorte ou o azar faz também parte.

Lidar com a frustração é uma boa aprendizagem. O conflito pode existir, e isso não é mau. É algo natural nas relações sociais e nas dinâmicas de grupo, o importante é a forma como se resolve o conflito. O ambiente

deve ser de confiança, de diálogo, de participação e de aceitação da diferença. Jogar desenvolve competências pessoais e sociais, como o autocontrole, a perseverança, a empatia, a comunicação, a resolução de conflitos e a cooperação.

Fábio Otuzi Brotto procurou demonstrar a importância da cooperação para o relacionamento humano e identificou três formas diferentes de as pessoas entenderem e agirem durante o jogo. Denominou-as de padrões de percepção-acção e estão identificados na tabela abaixo.

ESTILO DE JOGO	INDIVIDUALISMO	COMPETIÇÃO	COOPERAÇÃO
VISÃO DE JOGO	É impossível	É possível para um	É possível para todos
OBJECTIVO	Tanto faz	Ganhar ao outro	Ganhar juntos
O OUTRO	Quem?	O inimigo, o adversário	O amigo, o parceiro
RELAÇÃO	Indiferença Cada um por si	Dependência e rivalidade	Interdependência e parceria
ACÇÃO	Não jogar	Jogar contra	Jogar com
CLIMA DO JOGO	Chato	Tensão e stresse	Activação e atenção
RESULTADO	Continuidade	Ilusão de vitória individual	Sucesso compartilhado
CONSEQUÊNCIA	Alienação	Acabar com o jogo	Vontade de continuar a jogar
MOTIVAÇÃO ESSENCIAL	Fuga	Medo	Amor
EMOÇÕES	Solidão	Raiva, controlo, opressão	Alegria
SÍMBOLO	Muralha	Obstáculo	Ponte

Se observar a tabela com atenção, em que coluna gostaria de identificar, predominantemente, o seu filho? Provavelmente na da direita, e é por isso que se afirma que a aprendizagem por cooperação é mais eficiente do que a aprendizagem baseada na competição.

Albert Einstein referiu que «A palavra progresso não terá qualquer sentido enquanto houver crianças infelizes». Eu diria que não fará sentido enquanto houver *peessoas* infelizes. Não deixamos de brincar porque ficamos mais velhos, mas sim ficamos velhos porque deixamos de brincar. É numa relação permanente com o brincar que criamos sentido à nossa existência.

O jogo não deve ser encarado apenas como divertimento ou uma forma de gastar energia. O jogo favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afectivo e moral, como já o referia Jean Piaget. Sigmund Freud complementa que a antítese de brincar não é o que é sério, mas o que é real. Por sua vez, Arquimedes afirma que brincar é condição fundamental para ser sério. Por isso, prepare-se, descontraia, brinque com as sugestões que constam neste livro, e usufrua, com o seu filho, de momentos que não se esquecem.

Lembre-se de que os seus filhos, mais tarde, não irão recordar o melhor dia que passaram frente à televisão...